

Introdução

A arte vem se constituindo como um instrumento diferenciado de trabalho do psicólogo. Embora relativamente recente, já é amplo o campo da arteterapia, cuja as bases para o seu desenvolvimento se iniciaram a partir do século XX através das teorias de Freud e Jung.

Apesar de não utilizar a arte no processo terapêutico, Freud defendia que as imagens criadas no fazer artístico, se caracterizavam como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente assim como as originadas nos sonhos, pois conseguiam se esquivar com maior facilidade da censura. Jung, ao contrário, priorizava a expressão artística e verbal como componentes de cura, sendo esta uma característica natural e estruturante da psique. Em seus atendimentos, Jung foi o primeiro a fazer uso a expressão artística em consultório. Para ele, a simbolização do inconsciente individual e do coletivo se manifestava na arte. Nesse sentido, ele recorreu a linguagem expressiva como forma de tratamento, pedindo aos clientes que desenhassem livremente seus sonhos, sentimentos, conflitos, etc.

Jung acreditava que a energia psíquica não muda de objeto enquanto não se transforma; presumiu que todos possuem predisposições para a configuração de imagens e ideias semelhantes, às quais denominou de arquétipos que surgem nos sonhos e trabalhos artísticos, auxiliando na compreensão do comportamento individual. A atividade plástica e a criatividade, para ele, são funções psíquicas inatas que contribuem com a evolução da personalidade e com a estruturação do pensamento.

No Brasil, a arteterapia se desenvolveu a partir dos trabalhos de Nise da Silveira, que fez um excelente estudo e deixou um grande legado para a arteterapia. No centro psiquiátrico D. Pedro II, local onde trabalhava na década de 40 procurou compreender as imagens produzidas pelos seus pacientes sob a ótica da teoria Junguiana. Os trabalhos dos internos foram apresentados em um congresso de psicopatologia na Europa por ela. Posteriormente, na década de 50 fundou o museu de imagens do inconsciente e, na década de 1981 escreveu o livro “Imagens do Inconsciente”.

De forma simples, arteterapia é a terapia através da arte. Na perspectiva Junguiana, por meio dessa prática as imagens não são interpretadas como

representações do inconsciente, onde o sentido dependeria a posteriori da verbalização do cliente. Ao contrário, o que interessa é que o sujeito dê forma, mesmo que de maneira rudimentar, ao que não se pode traduzir em palavras: imagens carregadas de energia, de desejos e impulsos. Outra importante característica da arteterapia é que seu foco se concentra na reflexão ativa e lúdica, sendo assim, é uma ferramenta de auxílio ao ser humano que objetiva a produção de imagens, a autonomia criativa, o desenvolvimento da comunicação, a valorização da subjetividade, a liberdade de expressão, o reconciliar de problemas emocionais, e ainda a função catártica, se inserindo dentro de um contexto de exploração criativa e valorização do sensível, possibilitando a utilização dos recursos artístico-expressivos.

A arteterapia consiste em um conjunto de técnicas que visam despertar e trazer à tona conteúdos conscientes e inconscientes, facilitando a comunicação do organizador da psique – Self e o Ego. Ela permite que qualquer um entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão à sua volta e com o mundo, contribuindo no processo de individuação do sujeito, visto que representam a realização da personalidade em sua totalidade. No entanto, para que isso ocorra, terapeuta e paciente precisam desenvolver uma relação interpessoal dinâmica e colaborativa.

Estratégias como: caixa de areia, desenho, vídeo, fotografias, encenações, experimentações sonoras, escrita criativa, pinturas, modelagens, colagens, mosaicos, expressões corporais e qualquer outro tipo de expressão não verbal, ainda se valendo da utilização de narrativa de histórias, imaginação ativa e etc, são exemplos de recursos que podem ser utilizados. Todavia, ao se escolher entre algumas delas ou outras que não foram citadas, deve-se levar em consideração a preferência e indicação diagnóstica de cada grupo ou indivíduo ao tratamento, de acordo com a disponibilidade e a viabilidade do trabalho com as técnicas e materiais.

Um aspecto importante a ser destacado também é que a arteterapia não se trata do resultado da junção da arte à psicologia e vice-versa. Artistas que não são arteterapeutas precisam ter uma formação terapêutica, e os terapeutas precisam para a atuação arteterapêutica de uma constante experiência dos processos artísticos. O código de ética dos arteterapeutas estabelece que o arteterapeuta deve exercer apenas as funções para a qual ele esteja qualificado,

tanto pessoalmente quanto tecnicamente. Compreende-se, portanto que apenas os profissionais com formação inicial em psicologia ou nas áreas da saúde possam atuar em contextos clínicos, como artepsicoterapia, devido à complexidade deste saber clínico prioritariamente necessário. Os cursos de arteterapia devem ser ministrados para alunos que tenham cursado até, pelo menos, o terceiro ano da graduação, completem os créditos necessários até o final da especialização e sejam acompanhados de psicoterapia por profissional competente.

A atuação em arteterapia pode se dar em diversos contextos, tais como: educacional (escolas e instituições de ensino superior); social (instituições sociais, presídios, organizações não governamentais e comunidades de baixa renda); psicológica (psicoterapia individual e grupal, com crianças, adolescentes, adultos, idosos, casais, famílias); saúde mental (centros de atenção psicossocial); organizacional (organizações públicas e privadas); hospitalar (enfermarias de hospitais da rede pública e privada).

Sua prática pode ser empregada em: treinamento empresarial, psico-profilaxia e reabilitação psicopedagógica, arte-reabilitação física e mental, reabilitação psicossocial, projetos comunitários de educação para saúde e em consultórios e clínicas especializadas em doenças degenerativas como câncer, AIDS, Alzheimer, esclerose múltipla, etc; deficiências físicas e mentais e psicoterapias individuais e de grupo. Pode ser utilizado sozinho ou como adjuvante em outros tratamentos, principalmente em programas interdisciplinares como os utilizados em psicoses e drogadição

A arteterapia como prática terapêutica deve servir como um instrumento expressivo e de reflexão dos sujeitos. O objetivo pretendido não é fazer arte, e sim exercer a criatividade, e que a partir deste fazer criativo sejam produzidos outros modos de objetivação e subjetivação. É enfatizado que o indivíduo coloque suas emoções e sentimentos na produção, pois, através dessa expressão espontânea, ocorre a produção de símbolos, transformando a energia psíquica. Sendo assim, ela pode ser utilizada como recurso tanto no contexto da clínica, da educação, da saúde pública, das empresas, em intervenções na área de dificuldades tanto físicas, cognitivas, sociais e emocionais, juntamente com pessoas, grupos sociais e equipes de trabalho.

Considerações Finais

A arte vem se constituído como um instrumento diferenciado de trabalho do psicólogo. Embora relativamente recente, já é amplo o campo da arteterapia. Nesse sentido, Reis (2014) conclui que independentemente do contexto de atuação, é necessário que o psicólogo tenha um compromisso ético no sentido de contribuir para que indivíduos se reconheçam criadores, não apenas como atores sociais, e sim autores que podem participar criativamente na sociedade da qual fazem parte. Além de todos os objetivos já descritos, esse também é um aspecto importante que é visado na arteterapia através da interação da arte com a psicologia, sempre pautado na concepção estética do sujeito, que pode transformar a própria vida em uma obra de arte.

Referências Bibliográficas

AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Multifaces da Arteterapia: Textos do II Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

DANIEL, A. A. **Percursos em Arteterapia – História, conceitos e práticas.** Apostila de Curso de férias. Data desconhecida.

MENDONÇA; G, A, M. Arteterapia no CAPS: Uma nova forma de cuidar. Pós-Graduação em Atenção Psicossocial na Saúde Mental: ênfase em dependência química da Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Alegre – FAFIA em março, 2013.

PHILIPPINI; A, A. Transdisciplinaridade e arteterapia. In: Ornazzano G, organizadora. Questões de arteterapia. Passo Fundo: UPE, 2004.

REIS, A. C. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **Psicol. cienc. prof.** vol.34 no.1 Brasília Jan./Mar. 2014.

VALLADARES; A, C, A.; CARVALHO; A, M, P. A Arteterapia e o

desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. **Rev Esc Enferm**, USP. 2006;40(3): 350-5.

VALLADARES, A. C. A; SILVA, M. T. A. Arteterapia e a Promoção do Desenvolvimento Infantil no Contexto da Hospitalização. **Rev. Gaúcha Enferm.** (Online,) vol.32 nº.3, Porto Alegre, Set. 2011.

QUALIDADE DE VIDA DE CUIDADORES DE IDOSOS

Karoline Eulimares da Cruz Batalha², Gabriel Azevedo de Freitas³,
Nelimar Ribeiro de Castro⁴

Resumo: *O objetivo desse estudo foi verificar se existe diferença entre a qualidade de vida dos cuidadores de idosos com doença de Alzheimer e cuidadores de idosos sem a doença. Participaram da pesquisa 50 cuidadores, entre familiares e profissionais da saúde, de ambos os sexos, com idade variando de 24 a 62 anos. A coleta de dados foi realizada em três municípios da Zona da Mata do Estado de Minas. Os instrumentos foram aplicados de forma individual. Diante dos resultados foi verificado que não houve diferença na qualidade de vida entre os cuidadores de Idosos com Alzheimer e outras enfermidades.*

Palavras-chave: *Qualidade de Vida; Cuidadores; Idosos.*

Introdução

O processo de envelhecimento populacional no Brasil vem sendo marcado pelo aumento do número de idosos. Estima-se em mais de 21 milhões o número de pessoas acima de 60 anos no país. Dias (2007) relata que envelhecer é um processo multifatorial e subjetivo, ou seja, cada indivíduo tem sua maneira própria de envelhecer. Sendo assim o processo de envelhecimento é um conjunto de fatores que vai além do fato de ter mais de 60 anos, deve-se levar em consideração também as condições biológicas, que está intimamente relacionada com a idade cronológica, traduzindo-se por um declínio harmônico de todo conjunto orgânico, tornando-se mais acelerado quanto maior a idade; as condições sociais variam de acordo com o momento histórico e cultural; as condições econômicas são marcadas pela aposentadoria; a intelectual é quando suas faculdades cognitivas começam a falhar, apresentando problemas

²Graduanda do Curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: karolineacruz@hotmail.com.

³Graduando do Curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: gabrielazevedo30mg@gmail.com.

⁴Docente do Curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: nelimar.de.castro@gmail.com.